



## **A formação do comportamento infantil nas páginas de *Alterosa* (1939-1961)<sup>1</sup>**

Alexandro Galeno da COSTA<sup>2</sup>  
Frederico de Mello Brandão TAVARES<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Ouro Preto, MG

### **RESUMO**

O presente artigo tem como norte a análise do papel jornalístico na evolução de uma coluna da extinta revista *Alterosa*. Com caráter didático, sobre maneiras adequadas de se cuidar de uma criança, “Nossas Crianças” foi uma das seções mais longevas de *Alterosa*. Com base no conceito de “dispositivo pedagógico da mídia” de Ficher (2002), buscamos compreender o diálogo da publicação com a época, condizente com os propósitos de existência de uma coluna voltada majoritariamente para o público feminino. Tratava-se de um espaço destinado, durante os anos dourados, à disseminação de práticas comportamentais e educacionais padronizadas para o tratamento com os filhos da mulher mineira e, posteriormente, brasileira. Assim, evidenciamos a correspondência dos pensamentos vigentes no período ao conteúdo abordado dentro da coluna ao discurso da publicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revista; Comportamento; Discurso Pedagógico da Mídia; Anos dourados.

### **1. *Alterosa* e o delinear do comportamento infantil**

As revistas na metade do século XX estavam em plena fase de ascensão e consolidação de um público fiel. As maiores tiragens da época se encontravam no eixo Rio-São Paulo. Contudo, outros pólos editoriais começavam a galgar espaço. Nesse cenário estava presente a Revista *Alterosa*. Pertencente ao grupo editorial Sociedade Editora *Alterosa*, a publicação foi criada em Minas Gerais no ano de 1939 e tinha, inicialmente, circulação mensal, restrita ao território mineiro. Posteriormente, por volta de 1946, sua circulação se expande a todo Brasil e alguns exemplares eram destinados à Espanha e Portugal. Em 1954 sua circulação passa a ocorrer quinzenalmente.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Graduando em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). E-mail: [galenoalexandro@gmail.com](mailto:galenoalexandro@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em ciências da Comunicação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do curso de Graduação em Jornalismo na UFOP-MG. E-mail: [fredtavares.ufop@gmail.com](mailto:fredtavares.ufop@gmail.com)



*Alterosa* tinha um perfil em diferenciado ao estilo ilustrada, preponderante à época. Seu conteúdo, variava entre assuntos relacionados à vida doméstica da primeira metade do século XX, editorialmente era destinado ao público feminino. No entanto, esporadicamente, algumas pautas eram voltadas ao segmento masculino. Nesse período era forte a ligação da mulher como dona do lar, e, assim, o destaque ficava para dicas de moda feminina. Além disso, foram destacas a cobertura do meio radiofônico, em plena ascensão nacional, dicas para os serviços domésticos, a vasta variedade de publicações literárias (com ênfase nos contos e novelas), a cobertura social e, posteriormente, a política, além de colunas de comportamento.

Em seus 25 anos de circulação, alcançando em seu auge uma tiragem de aproximadamente 80 mil exemplares, uma das colunas que perpassou pelas diferentes fases editoriais da revista era voltada às práticas comportamentais infantis. Inicialmente, *Alterosa* denominou esse um espaço como “Crianças”. Este servia apenas como local de destaque às crianças que compunham as famílias da elite social mineira. A partir de 1948, o conteúdo passou a fazer parte da coluna “Páginas das Mães” com uma série de dicas destinadas aos primeiros cuidados da infância. Essa nomenclatura permanece até a edição de número 137, que data de setembro de 1951, quando a coluna perde consideravelmente seu espaço e passa a ser intitulada de “Para Mães”. A partir da mudança da circulação quinzenal, em 1953, a coluna passa a ser publicada apenas em uma das edições mensais. Uma nova roupagem da coluna começa a circular em julho de 1955, quando a coluna passa a ser assinada por um médico e a atender pelo o nome de “Nossas Crianças”.

A longevidade alcançada pelo espaço dado ao comportamento infantil dentro da publicação nos faz pensar sobre as razões para esse acontecimento. Ao olhar para a linha do tempo editorial traçada pela revista, evidencia-se que essa seção, junto às temáticas literárias, como o “Concurso de Contos” e “Fuga”, foram as que conseguiram perpassar por todas as reformulações editoriais. Por meio da análise das edições disponibilizadas digitalmente pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCHB)<sup>4</sup> e pela Biblioteca Nacional Digital (BND)<sup>5</sup>, podemos pensar as razões que levaram a continuidade por tantos anos do modo de dogmatizar para as próximas gerações que a

---

<sup>4</sup> O acervo composto por 68 edições de *Alterosa* pode ser acessado pelo site: [http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=arquivopublico&lang=pt\\_BR&pg=6742&tax=26801](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=arquivopublico&lang=pt_BR&pg=6742&tax=26801)

<sup>5</sup> O acervo composto por edições a partir de 1949 até 1964 pode ser acessado pelo site: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&PagFis=0&Pesq>



revista se propunha. Ao todo, contamos com um *corpus* de 234 exemplares da publicação, no qual em 221 encontra-se publicada a coluna em estudo.

Para olharmos o modo de atuação dessa seção comportamental publicada em uma revista, majoritariamente feminina, e que possui o seu ápice de aparecimentos durante os cunhados “anos dourados”, utilizamos como norte o que Fischer (2002) define como discurso pedagógico da mídia. Para a autora, o conceito faz referência às análises baseadas em:

um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre ‘si mesmo’, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem. (FISCHER, 2002, p.156)

Desta forma, baseados em tal conceituação e no recorte temporal no qual a coluna se fez presente, evidenciamos como as práticas comportamentais estavam postas em *Alterosa* e suas consequentes finalidades. Durante a década de 1950, ocorrem as maiores transformações na coluna. Nessa mesma época, as mulheres também estavam vivenciando um período no qual ocorriam as primeiras mudanças no que tange à sua postura social. Perante o fim da Segunda Guerra Mundial, as mulheres encontravam um cenário no qual não eram mais apenas as “donas do lar”, mas sim donas de sua própria autonomia. Dias ver “a década de 50, permeada de mudanças e conflitos entre o tradicional e o moderno, considerada o palco da era do individualismo e do consumo, tornou-se um elo de transição, trazendo um novo ideário de vida.” (2012, p.11).

## **2. Diálogo entre o tempo e o discurso pedagógico da mídia**

Quando alocamos *Alterosa* frente às mudanças sociais que estavam ao seu tempo, notamos um caminhar da visão editorial da revista em direção a pensamentos e normativas mais liberais em suas páginas. Essas atitudes estão diretamente relacionadas ao modo como a revista pretendia ser vista pelos seus leitores. O jornalismo é um discurso comprometido com o contemporâneo – não apenas como lugar do atual, mas também e especialmente como lugar de objetivações sobre o que importa saber agora e como deve agir o sujeito que está de acordo com o tempo (BENETTI, 2008). Ressaltamos que esse



lugar de fala da autora estava diretamente relacionado às elites sociais da época. Tal direcionamento poderá ser esclarecido ao observar o viés dos seus conteúdos.

Esse papel norteador do conteúdo jornalístico está posto pelas suas intencionalidades e se funde com a essência das revistas em estabelecerem um vínculo permanente com seu leitor. Tal elo enunciativo criado com esse leitor é definido por Véron como contrato de leitura. Essa postulação corresponde ao modo que o discurso de um meio de comunicação será canalizado por seu receptor. Ou seja:

o conceito de contrato de leitura implica que o discurso de um suporte de imprensa seja um espaço imaginário onde percursos múltiplos são propostos ao leitor; uma paisagem, de alguma forma, na qual o leitor pode escolher seu caminho com mais ou menos liberdade, onde há zonas nas quais ele corre o risco de se perder ou, ao contrário, que são perfeitamente sinalizadas. (VÉRON, 2004, p.236)

Ao depender da maneira que será recebido pelo público, o conteúdo terá impacto direto na vida cotidiana dos que consomem este produto midiático. Assim, a publicação tem premissas para delinear aquilo que será posto aos seus leitores, a fim de banalizar o comportamento e opinião, de acordo com sua conduta editorial. O maior espaço proporcionado pelas revistas concilia a existência da ampliação e profundidade dos seus conteúdos perante outras plataformas da imprensa. Pois, assim como aponta Scalzo (2011, p. 14):

as revistas ditam comportamento, influenciam diretamente na vida das pessoas, transformam pensamentos, atitudes, além de passar as informações de maneira mais profunda. As revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores.

Como dogmatizadoras de comportamentos, as revistas carregam em seus enunciados um conjunto de valores e normas que almeja transportar à esfera privada de seus receptores. Assim, conforme Almeida (2008), “normas e valores são referências culturais que governam as relações que os sujeitos estabelecem entre si e com o mundo, especificando regras de conduta e expectativas morais que orientam nossas diversas intervenções na vida prática” (ALMEIDA, 2008, p.16). As colunas que especificamente possuem como fonte norteadora o viés comportamental são o ápice para essa imposição de normatizações homogêneas a uma determinada sociedade. “É pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca” (FOUCAULT, 1970, p.21).



Desde seu surgimento, *Alterosa* trazia consigo o enaltecimento das famílias tradicionais, inicialmente, devido à abrangência regional de sua circulação, restritiva às famílias mineiras. Quando surge “Crianças” nas páginas da publicação, ocorre um jogo de fidelização do leitor com a recém-lançada revista, pois o leitor era incitado a enviar à revista alguma fotografia de seus filhos e aguardar que esta fosse publicada. A mesma tática de fidelização do público ocorre em outras seções concomitantes, como “Caixa de Segredos” e “Concurso de Contos”. No movimento de criação de “Páginas das Mães”, existe a manutenção das fotos de crianças, porém agora havia espaço em páginas duplas para os mais variados conselhos de cuidados que as mães deveriam ter com seus filhos. Temáticas como amamentação, troca de fraldas, melhores alimentos para cada faixa etária, desenvolvimento da dieta infantil, entre outros, eram sempre abordados como se as mães estivessem de frente com os pediatras de seus filhos. Havia uma proximidade entre o enunciador e as leitoras, como podemos observar nesse trecho da edição 113, de setembro de 1949:

Há mães que se irritam facilmente, ante o descontrole fisiológico do filhinho que, sem prévio aviso, suja as calcinhas ou o colchãozinho de sua cama. É necessário, porém, que essas mães irritáveis compreendam que as crianças desconhecem ainda as mais rudimentares noções de asseio ou higiene corporal. Que devem fazer então? Serem tolerantes e carinhosas.

Uma das marcas discursivas da coluna sempre foi a sua proximidade com os leitores. Era reforçada, dessa maneira, uma vertente que *Alterosa* sempre estaria presente com uma palavra amiga e ajudaria aqueles que a lessem. Em setembro de 1951, ocorre uma perda de espaço da coluna, e, no entanto, o aprofundamento das suas temáticas. Com a denominação “Para Mães”, a seção se propunha a esclarecer problemas mais pontuais enfrentados no dia a dia. Os “conselhos” variam desde como manter uma rotina sadia para o desenvolvimento de seu filho até dicas de como iniciar a alfabetização antes da idade escolar, além de maneiras de “resolver” a desobediência infantil. Vale pontuar que em ambas as nomeações o destinatário da coluna estava claramente evidenciado. Com uma acentuação nessa terceira mudança, o “Para” atua explicitando a quem deveria corresponder aquela parte da revista.





21/06/2015



Figura 1: “Crianças”



Figuras 2 e 3: “Páginas das Mães”



Figura 4 e 5: “Para Mães”



Figura 6: “Nossas Crianças”

Após quase seis anos de maturação da coluna, em julho de 1955, seu caráter dogmatizador é acentuado ao passar a ser assinada pelo especialista em pediatria Dr. Garry Cleveland Myers<sup>6</sup>. Nesse momento, o conteúdo da seção passou a ser uma tradução da coluna “*Highlights for Children*”, escrita pelo médico nos Estados Unidos. O caráter de postulação do que era publicado pela voz de uma autoridade médica já podia ser notado implicitamente na fase anterior. Agora a seção respondia pelo nome de “*Nossas Crianças*”

<sup>6</sup> As informações sobre o Dr. Garry C. Myers e sua atuação como escritor da coluna *Highlights for Children* está disponível no seguinte endereço eletrônico: [http://pabook.libraries.psu.edu/palitmap/bios/Myers\\_Caroline\\_Garry.html](http://pabook.libraries.psu.edu/palitmap/bios/Myers_Caroline_Garry.html)



e mantinha o mesmo espaço, além da mesma diagramação da sua fase anterior. Como havia uma tradução e seleção do material que seria comprado para a publicação na revista, podemos delimitar, mais uma vez, o papel de *Alterosa* em selecionar aquilo que levaria ao seu público. Assim, mesmo mantendo as mesmas temáticas da fase anterior, havia uma preponderância de assuntos que estivessem em voga na sociedade brasileira. Algumas temáticas que foram abordadas são: “A rivalidade entre crianças”, “As criancinhas devem ser obedientes”, “Prisioneiros dos filhos”, “O problema da televisão”, “Mães que trabalham fora”, “Pai completo” e “Participação da criança no orçamento familiar”.

Esse processo de compra de uma coluna originalmente americana, ou seja, construída para uma realidade divergente da brasileira, explicita o processo de implantação da cultura do *American Way of Life*, em conjunto com a efervescência da libertação das mulheres durante os anos dourados. *Alterosa*, desde suas primeiras publicações, dava destaque à cobertura dos principais astros do cinema de *Hollywood*. Essa importância ao mundo americano demonstra a força que a cultura americana começava a ter na imprensa nacional. Dias (2012) vê um caminho oposto ao das revistas com caráter mais conservador ao que estava sendo propagado pelos filmes de origem americana que estavam em plena expansão no Brasil. Os comportamentos advindos desses filmes nortearam as mudanças comportamentais da juventude dos anos 1950. Essa ruptura com os dogmas mais tradicionalistas era refletida naquilo que “Nossas Crianças” passou a trazer para a mulher brasileira.

No título “O marido deve cooperar na criação dos filhos”, publicado em outubro de 1955, podemos perceber o discurso ligado à independência feminina que a coluna pretendia reverberar, visto que estaria condizente com sua a noção de não sujeição da mulher ao companheiro que estava aflorando na época. *Alterosa*, com a postura adotada e evidenciada na seção, estava indo de encontro ao pensamento social que começava a ter força de expressão na sociedade brasileira. Na edição em questão, havia a presença de uma mensagem de comportamento igualitário entre o homem e a mulher na vida matrimonial.

Desde o início da vida conjugal esse marido auxilia a esposa nas suas tarefas caseiras e com isso os esposos ganham tempo para frequentarem juntos às diversões de sua preferência e gozarem conjuntamente os seus momentos de descanso. [...] Após o nascimento da criança o marido deve aprender imediatamente a mudar-lhe as fraldas, depois a banhá-lo e dispensar-lhe todos os cuidados necessários durante a noite.



Um ponto que precisa ser evidenciado são os exemplos utilizados pelo Dr. Garry. Todos eram baseados na premissa de tornar público acontecimentos da esfera privada das pessoas para serem utilizados como exemplos para os leitores. Não podemos afirmar qual a natureza dessas falas, mas que, se utilizando de acontecimentos alheios, Dr. Garry pretendia julgar as ações “ruins” a fim de que não fossem reproduzidas. Esse movimento de construção narrativa põe em xeque o duelo entre a vida pública e a privada. O leitor era instigado a mudar suas ações pessoais para obedecer a um valor imposto por uma voz com poder de especialista. Ou seja, aquilo proposto na coluna seria visto como uma verdade chancelada que não seria passível de discussão. “Com o desenvolvimento da comunicação de massa, o ato de ver ou ser visto passa por modificações. Antes, a visibilidade dos acontecimentos e indivíduos nos domínios público e privado estava necessariamente ligada à partilha de um lugar comum” (TRINDADE, 2008, p.13).

Essa maneira enrijecida de corroborar para determinadas atitudes que as mães poderiam tomar com seus filhos mostra que “operar científica e pedagogicamente com os produtos midiáticos significa trazer à tona, mais amplamente, o problema da cisão ou a da distância entre cultura, sociedade e indivíduo” (FICHER, 2002, p.156). Assim, ocorre um realce da força produzida pelo discurso jornalístico e sua matriz de caráter fidedigno, pois, “ao criar parâmetros de estilo e de normalidade, o jornalismo adquire tom disciplinar através de uma linguagem performativa, fornecendo aos leitores mapas cognitivos para orientação social nos vários espaços indenitários de pertencimento”. (PRADO, 2009, p.34). Entender o modo de subjetivação de uma coluna através da capacidade de veracidade conseguida pelo discurso jornalístico está relacionado a força de atuação dos meios em relação ao discurso produzido. Ficher visualizou o quão complexo é o meio no qual ocorre a recepção dos sentidos produzidos pela mídia. Para a autora,

tratar do ‘Dispositivo pedagógico da mídia’ significa tratar de um processo concreto de comunicação (de produção, veiculação e recepção de produtos midiáticos), em que a análise contempla não só questões de linguagem, de estratégias de construção de produtos culturais, apoiada em teorias mais diretamente dirigidas à compreensão dos produtos de comunicação e informação, mas sobretudo questões que se relacionam ao poder e a forma de subjetivação. (2002)

### **3. Considerações Finais**





O delineamento entre as transformações editoriais da seção evidenciam três grandes mudanças que mantiveram o mesmo modo dogmatizador que *Alterosa* pretendia dar para as próximas gerações através das práticas difundidas com a pretensa de veracidade da informação transposta por meio da assinatura da seção por um médico. A revista usou de seu suporte jornalístico para criar um meio de homogeneização comportamental infantil, fazendo uso de preceitos validados, em sua maioria, pela Academia Americana de Pediatras, à qual o Dr. Garry faz referência em algumas colunas ao tratar de assuntos mais polêmicos para a época, tal como o uso de palmadas para reprimir as crianças.

Além disso, percebemos a tentativa de chancelamento da concepção de uma sociedade mineira mais tradicional quando a publicação faz uma exaltação dos filhos da elite social do estado de Minas Gerais. Observamos que a coluna tinha seus conteúdos escolhidos em constante diálogo com aquilo que estava em voga na sociedade. Principalmente no período que corresponde aos anos dourados, a seção traz consigo uma série de conteúdos que tangem o que estava sendo vivenciado pelas mulheres durante a década de 1950. Os valores arraigados às normativas pregadas perante a educação com os filhos trazem traços característicos da expansão da cultura americana no Brasil.

Enquanto parte de um *ethos*, valores fundamentam modos de agir e iluminam o sentido e a natureza da conduta assumida pelos indivíduos (ALMEIDA, 2008). A vida privada estava posta em xeque dentro da própria coluna, quando acontecimentos pessoais, sendo estes fictícios ou não, eram utilizados com a finalidade de demonstrar o “certo” ou o “errado” nas atitudes com os filhos. Assim, o desenvolvimento do espaço destinado ao comportamento infantil em *Alterosa* diz respeito às interlocuções que eram feitas ao seu tempo, mas pertencentes, simultaneamente, à outra realidade sem ser a brasileira. Como afirma Fischer (2002, p.157), os discursos sobre como devemos proceder “adquirem força particular quando acontecem no espaço dos meios de comunicação, porque adquirem um poder de verdade, de ciência e de seriedade”.

#### 4. Referências

ALMEIDA, Roberto Edson de. **A performance dos públicos e a constituição social de valores: o caso Alberto Cowboy**. 2008. 187 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.



21/06/2015

BENETTI, Marcia; HAGEN, Sean. **Jornalismo e vida cotidiana: o comer e o cozinhar contemporâneos das revistas semanais.** In: Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação, v. 11, n. 2, p 1-16, mai/ago 2008. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/228/273>. Acessado em: 03 de maio de 2015.

DIAS, Camila Carmona. **Anos dourados, belos e femininos: a mulher e a moda na década de 50 no Brasil.** In: Colóquio de Moda, XVIII, Rio de Janeiro, 2012 Disponível em: [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/8-Coloquio deModa\\_2012/GT06/COMUNICACAOORAL/102279\\_Anos\\_dourados\\_belos\\_e\\_femininos.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/8-Coloquio deModa_2012/GT06/COMUNICACAOORAL/102279_Anos_dourados_belos_e_femininos.pdf). Acessado em: 03 de maio de 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da Mídia: modos de educar na (e pela) TV.** In: Educação e Pesquisa, São Paulo, V.28. N.1, p. 153. jan. jun. de 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 21 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

PRADO, José Luiz. **Experiência e receituário performativo na mídia impressa.** Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n.20, jan/jul 2009, p. 34.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** 4.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

TRINDADE, Vanessa. **“Eu amento, mas não invento”** celebridades, valores e interesse público no *TV Fama*. 2008. 83 f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

Figura 01: Revista Alterosa. ano VIII, n. 72, p. 36, Abr/46

Figura 02 e 03: Revista Alterosa. ano XI, n. 113. p. 146-147. Set/49

Figura 04 e 05: Revista Alterosa. ano XIII, n. 137, p. 108 - 109, Set/51

Figura 06: Revista Alterosa. ano XXI, n. 301, p.39, Mar/58